

MAE CONSTRUÍDA: LEVANTAMENTOS SOBRE A

IDEALIZAÇÃO DA MULHER- MÃE

Eixo Temático 08 –Corpos que gestam, Maternidade, Assistência à saúde Materna e Violência, Narrativas literárias, ética e bioética nos cuidados em saúde; Movimentos Sociais e Relatos de Experiência

Juliana Farias Santos¹

Débora dos Reis Backes²

Adriana Santos Souza³

RESUMO

Este artigo é parte do referencial teórico de um trabalho de Monografia apresentada em 2021 na Universidade Federal de Sergipe sobre Narrativas de Professoras- mães. Tem como objetivo geral apresentar características históricas e culturais sobre o que é ser mãe, ser mulher e ser professora. No intuito de compreender essa relação Professora- Mãe-Mulher foram levantados alguns estudos, tendo como referencial teórico as autoras Guacira Lopes Louro (2007), Maria Rita Kehl (2003), Simone de Beauvoir (1967), Elisabeth Badinter (1985), entre outros. Os autores citados versam sobre as questões que envolvem principalmente as questões sobre gênero e educação, discorrendo para os assuntos que envolvem a maternagem.

Palavras-chave: Feminismo, Maternagem, Magistério

INTRODUÇÃO

Em muitas falas mulheres e homens são presos a discursos de normalidade entre o que é (pré) destinado ao que é ser (de) homem e ser (de) mulher, por vezes sem

¹ Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe - UFS, juliana22fsantos1@gmail.com;

² Mestranda do Curso de Educação da Universidade Federal de Sergipe – UFS, debsilvabac@gmail.com;

³ Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Sergipe - UFS, adrianasntsouza@hotmail.com;

questionar como essa (pré) destinação se construiu ao longo da história, sendo fortemente reforçada, a ponto de se tornar “normal” na cultura e na sociedade.

A autora Simone de Beauvoir, descreve o conceito de mulher segundo o viés biológico, apontando o caráter pejorativo e legitimado pelo senso comum

A MULHER? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto "fêmea" soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: "É um macho!" O termo "fêmea" é pejorativo, não porque enraíze a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo. (BEAUVOIR, 1970, apud SANTOS, 2018, p.127)

Infelizmente a sociedade internalizou a ideia errônea de mulher ser “parte” do homem, por isso, “limitada”, “passiva”, “dependente”, “frágil”, entre tantos outros termos pejorativos que não cabem serem descritos neste momento.

Trazendo a crítica feminina como ponto de partida do que é ser (de) mulher, começo a discorrer as linhas desta pesquisa. Enquanto mulher, mãe e professora, minhas primeiras inquietações com o tema de trabalho se deu por conta da visão social “professora ser a mãe” em sala de aula, diante disso me questionei: somos realmente destinadas a ser mãe? Até que ponto a profissão professora tem entrecruzamentos com ser mãe? Há relação entre ser mãe e ser professora? Quais são os fatores (históricos, sociais e culturais) que contribuem para essa relação?

Partindo dos estudos de gênero, para definir o ser mulher, percebemos que em muitos há o papel do macho como sendo o determinante para o papel da fêmea, em outras palavras, o masculino define quem ou o que será o feminino. Trazendo mais para próximo do tema a ser tratado neste trabalho sobre o que é ser mãe Testoni (2006) citando Coutinho nos diz:

O amor materno, instituído historicamente como valor, ancorou-se como “origem” e o ponto fundamental da criação do espaço sentimentalizado do lar. Sentimento materno um caráter “inato” e, portanto, compartilhado por todas elas. Ela se transforma em um “ser para os outros” (Coutinho, 1994).

É neste sentido que autora Simone de Beauvoir afirma que não existe “instinto” materno, e continua “a atitude da mãe é definida pelo conjunto de uma situação e pela

maneira porque a assume” (BEAUVOIR, 1967, p 277-278), considerando a citação da autora, cabe buscar empiricamente como se deu a construção do chamado “instinto materno”, e se tratando de situações (históricas, sociais, biológicas, psicológicas) perceber como foi legitimado o “papel de mãe”.

Por meio das primeiras leituras que realizei sobre a área mulher/professora, deparei-me com os inúmeros estudos sobre a feminização do magistério, os fatores mais presentes nestes estudos para explicar este fenômeno foram: saída dos homens do magistério (essa saída se justifica por uma busca de outros empregos, conseqüentemente, por melhores salários), maior procura das mulheres para aprender/ensinar, o “dom” de ser professora, escola como extensão do lar, e a ideia da professora como mãe na escola.

Cercada de estereótipos de gênero, a entrada da mulher no magistério se configurou com as concepções de que a professora representa a mãe espiritual, sagrada (catolicismo), carinhosa, paciente, afetuosa, uma verdadeira mãe no ambiente escolar. E é nesse sentido que Louro (1997) afirma

Se a maternidade é, de fato, o seu destino primordial, o magistério passa a ser representando também como uma forma extensiva da maternidade. Em outras palavras, cada aluno ou aluna deveria ser visto como filho ou filha espiritual (...) O magistério precisava ser compreendido, então, como uma atividade de amor, de entrega e doação, para a qual acorreria quem tivesse vocação (LOURO, 1997, p. 78).

Quando nos comportamos ou agimos de determinadas maneiras, nem nos perguntamos sobre a origem daquele comportamento, muitas vezes nem nos recordamos de onde surgiu em nós. E em relação ao comportamento feminino então. As mulheres precisam se comportar de tal e qual maneira, porque sempre haverá uma comparação, seja ela próxima ou distante.

Desta forma, estudar as questões relacionadas ao gênero feminino, aliando estas as questões envolvendo o meio da educação, se faz importante por abranger uma série de questionamentos envolvendo a docência e suas formas de ser professora.

No intuito de compreender a construção do ideal de mulher- mãe foram levantados alguns estudos , tendo como referencial teórico as autoras Guacira Lopes Louro (2004), Maria Rita Kehl (2003) , Simone de Beauvoir (1967), Elisabeth Badinter (1985)entre

outros. Os autores citados versam sobre as questões que envolvem principalmente as questões sobre gênero e educação, discorrendo para os assuntos que envolvem a maternagem.

A partir das chamadas ondas feministas a história das mulheres agora passa a ser contada por mulheres, dando um novo olhar sobre a percepção da história descrita pelo público de interesse, contribuindo para se atentar sobre os documentos oficiais para o estudo das relações de gênero e do feminino.

Ao ser mulher está atrelado algumas marcas de feminilidade, segundo Moreira (2012) enfeitar os cabelos com adereços, detalhes nas roupas, nos cabelos, nas orelhas, nos braços, graça e sedução provocam a cobiça dos homens (MOREIRA, 2012, p. 2), ainda segundo a autora, as mulheres vivem em um conflito existencial: elas seduzem, no sentido de persuadir, iludir ou elas encantam, no sentido de maravilhar, atrair, fascinar pela beleza? Para esta autora, as mulheres convivem com este conflito e nos remetem a questões como assédio, abuso, atitudes machistas, eventos ligados muitas vezes a vestimentas ou mesmo adereços utilizados por elas.

Elisabeth Badinter (1985) em seu livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, afirma que a procriação tem um sentido duplo: 1- estado momentâneo, que seria a gravidez; 2- ação a longo prazo, a maternagem. Em um sentido resumido maternidade seria a condição física feminina, a capacidade de gestar; já a maternagem diz respeito aos cuidados ou ao desejo de cuidar dos filhos, ou de crianças.

A maternagem neste sentido seria o cuidado, o zelo com a criança, principalmente nos primeiros anos de vida, garantindo o atendimento das suas necessidades. Ela envolve percepções ligadas ao estereótipo feminino como atenção, carinho e cuidado.

É preciso abordar que existem mulheres que consideram a maternidade, utilizada neste contexto como o período da gestação, como momento diferente, importante, especial ou perturbador, inseguro, peso, isso dependerá muito do modo de ser de cada mulher, suas vivências e suas vontades do ser ou não ser mãe, principalmente porque muitas vezes a responsabilidade recai só sobre ela. Sobre ser mãe, a autora Elisabeth Badinter (1985) esclarece que

A mãe, no sentido habitual da palavra (isto é, a mulher casada que tem filhos legítimos), é uma personagem relativa e tridimensional. Relativa porque ela só

se concebe em relação ao pai e ao filho. Tridimensional porque, além dessa dupla relação, a mãe é também uma mulher, isto é, um ser específico dotado de aspirações próprias que freqüentemente nada têm a ver com as do esposo ou com os desejos do filho. (BADINTER, 1985, p.25).

O conceito de mãe e suas atribuições surgiu na Europa no século XIX, a imagem de mãe perfeita, imaculada, quase uma santidade, a mulher é vista como símbolo de perpetuação da espécie, cabendo ressaltar que muitas vezes foi (é) vista como apenas isso: um olhar congelado na maternagem, no zelo e no cuidado com a cria, segundo Moreira (2012) esse olhar é preconceituoso, limitado, limitante e carregado de ideologias sobre o que é ser mãe.

A autora Maria Rita Kehl (2003) aponta que os cuidados maternos diretos, passaram a garantir padrões de boas maneiras, os quais só as mães poderiam dar aos filhos, assim estava legitimada a ideia de que as próprias mães deveriam cuidar da primeira educação deles (KEHL, 2003, p. 2). Mais que um paradoxo atribuído historicamente às mulheres, segundo a biologia seres com baixa capacidade intelectual iram ter a responsabilidade de manter a família e promover a educação dos filhos, a mulher passa a ser peça fundamental de toda a sociedade, pois, ao educar a criança, formaria o homem.

Ao que parece ser um ideal de mulher: mãe, esposa, divindade, omitia a mulher a sua condição de ser humano, como enfatizam as autoras Gati e Monteiro (2016) “ pois sua função é glorificar o homem. Se não deve trabalhar, é para poder dedicar-se inteiramente a ser mãe”.

Os conservadores da ordem patriarcal culpabilizavam as mães por dissolverem os bons costumes e valores das famílias, argumentando que por serem elas as responsáveis pela educação dos filhos, influenciavam diretamente no comportamento destes e deveriam se dedicar exclusivamente a eles, na ausência do marido, vale ressaltar. Com isso, o isolamento das mães e donas de casa das famílias tradicionais acarretou em um amor excessivo da mãe pelos filhos, como talvez a única fonte de satisfação dos afetos e até de satisfação eróticas de muitas mulheres. (KEHL, 2003)

Desde que a mulher entrou para o mercado de trabalho o dito “pátrio poder” da figura masculina foi sendo abalado, e aos poucos as mulheres foram conquistando sua

independência financeira, livrando-se daquela dependência que lhe paralisava, as oportunidades profissionais acabaram eliminando a dependência econômica feminina que sustentava a ideia do casamento patriarcal (KEHL, 2003, p. 2). Independentemente, as mulheres tomaram o fôlego que precisavam para continuarem na luta, mas surge um porém: mulheres que são mães, como fazem para trabalhar? Onde deixarão suas crianças enquanto estão fora?

Uma das armadilhas do patriarcado é deixar a mulher que também é mãe fora do sistema, privando-a dos direitos de trabalhar, pois alguns empregadores utilizam do argumento que os filhos podem diminuir a capacidade produtiva da mulher mãe, tratando-se explicitamente de uma discriminação sustentada pela sociedade que visa a produção e o lucro.

Questionando os aspectos biológicos a autora Simone de Beauvoir (1970) afirma que a criação do papel feminino está ligada a fatores que influenciam nesta construção, como o biológico, a sociedade, a história, e a mentalidade de cada sujeito, e acrescenta “não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade” (1970, p.59), a mulher se constrói, se molda, se determina enquanto mulher com base em sua vivência com o ambiente.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A presente pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, foram realizadas estudos e leituras a respeito do tema abordado.

Para Andrade (2010, p. 25):

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Legitimada como “Mãe educadora” capaz de maternar, dentro e fora de casa, a mulher- professora é caracterizada como sinônimo de cuidado, ternura, docilidade, amor, nem sempre reconhecida por sua competência profissional, considerando a profissão como “vocação/missão”, justificando a ideia do “trabalho por amor”, até a tendência também “natural” de se voltar para a maternidade e para a família como a função mais adequada e requerida pela sociedade para a mulher, fixando o papel da maternidade às mulheres-professoras.

Produzidas histórica e socialmente as normas, valores e costumes com relação a opressão e a dominação dos homens sobre as mulheres não são fatores inocentes e naturais, são frutos de processos reforçadores do discurso biológico do ser superior, homem, atuando diretamente sobre o ser inferior, mulher. Essa prática foi reforçada ao longo dos anos e se perpetua como algo natural, normal. Enquanto isso, foi também naturalizado o espaço doméstico e as atribuições contidas neste, como espaço de dominação do ser feminino.

O campo da Educação como espaço de lutas e de reafirmação de espaços serve para que temas como este e tantos outros sejam discutidos, revistos, estudados e reelaborados para que seja realizada uma efetiva e justa afirmação de espaços que já estão lá, para nós, mulheres, mães, professoras, alunas, seres humanos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico:** elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado:** o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo:** experiência vivida. v.2. – São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

_____. **O segundo sexo: fatos e mitos.** – São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970-1980.

GATI, H.H; MONTEIRO, I.A. Educação e docência feminina no Brasil do Século XIX: avanços e desafios. **Cadernos de História da Educação**, n.3, vol. 15, p. 1146-1169, set-dez, 2016.

KEHL, Maria Rita. **Em defesa da família tentacular.** 2003. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUK Ewjiosmz1LzuAhXJHLkGHQejBqEQFjABegQIAxAC&url=https%3A%2F%2Frfp.ses.c.com.br%2Fmoodle%2Fpluginfile.php%2F7037%2Fmod_forum%2Fattachment%2F2879%2FMaria%2520Rita%2520Keihl_%2520Em%2520defesa%2520da%2520familia%2520tentacular.pdf&usg=AOvVaw21xtczvvPhZo1Sk8noIhfS. Acesso em: 05/01/2021

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das mulheres no Brasil.** 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004. p.443-481.

MOREIRA, R.C.C. Mulheres, educação e maternagem. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”, IX, João Pessoa, 2012.

TESTONI, R.J.F; TONELLI, M.J.F. Permanências e rupturas: sentidos de gênero em mulheres chefes de família. **Psicologia e sociedade**, Santa Catarina, 18(1), jan/abr, 2006, pp. 40-48.